O PIONEIRISMO DE UM ESTUDO SOBRE FAMÍLIAS DAS FURNAS

TAP AUMENTOU NÚMERO DE PASSAGEIROS PARA AÇORES E MADEIRA

0,70 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende
Director Paulo Hugo Viveiros | Director Executivo Osvaldo Cabral
Domingo, 28 de Julho de 2019 | Ano 150 | N.º 41.932

Diário dos Açores

Ano 150º

O quotidiano mais antigo dos Açores

AÇORES TÊM 2.300 ENTIDADES DE ECONOMIA SOCIAL

"UMA CASA DE ARTE, COM ARTE PARA ARTE"

ENTREVISTA | PÁGS. 4 E 5

LISA FARRAH FURTADO, IRMÃ DE NELLY FURTADO, LANÇA LIVRO SOBRE YOGA

'Afetos'

PAIS ALEMÃO

AS NOSSAS EMPRESAS

Cláudia Chaves Neves e Sílvia Torres ao Diário dos Açores

O Lava Jazz "este ano foi uma casa de arte, com arte para arte"

O Lava Jazz foi pensado especialmente para os amantes de Jazz e do conceito "sala de estar fora de casa". As visionárias Cláudia Chaves Neves e Sílvia Torres decidiram ser arrojadas e levar a cabo este projecto que há muito sonhavam, procurando trazer para a ilha de São Miguel uma imagem de bar que ofereça conforto e qualidade.

Uma aposta ganha como garantem as promotoras ao Diário dos Açores

POR OLIVÉRIA SANTOS

Foto: JPMedeiros

Cláudia Chaves Neves e Sílvia Torres as mentoras de um novo conceito de bar em Ponta Delgada

Diário dos Açores – Como nasceu este projecto?

Cláudia Neves – Este é um projecto da empresa Atalhos de Lava, Produções que existe desde 2013 e vocacionada para a área musical. A nossa ideia passava por criar um bar de música onde as pessoas e os próprios músicos pudessem ter alguma dignidade. O Lava Jazz aparece como projecto em Outubro de 2015. Nessa altura fizemos uma proposta ao Coliseu Micaelense para alugarmos o espaço, onde hoje nos encontramos na Avenida Roberto Ivens, mas foi-nos recusado. Contudo, como somos pessoas teimosas e quando queremos e acreditamos em algo vamos até ao fim, decidimos que tínhamos que avançar com o projecto. Como não encontramos espaços na baixa de Ponta Delgada, acabámos por ir para os Valados, o que foi um acto de loucura porque fomos para um sítio onde só há armazéns de oficinas e serviços. Como sabíamos que quem gosta de Jazz, gosta de conforto: de ter lugar para estacionar ou de ser recebido à porta, ficamos naquele espaço que, à noite, tinha os requisitos necessários. Estivemos nos Valados durante 10 meses; inaugurámos o Lava Jazz a 19 de Fevereiro de 2016.

Queríamos mesmo muito testar o conceito a que nos propúnhamos; tínhamos plena consciência que era uma ideia para um determinado nicho de mercado. Ao usarmos a palavra Jazz no nome do bar já estávamos a limitar o mercado e a dizer que não era um bar igual aos outros. Eram poucas as pessoas que podiam apreciar este conceito, mas avançámos e apostamos no público local.

Como estar nos Valados não era definitivo, em Outubro de 2016 voltamos a falar com a administração do Coliseu Micaelense para saber se estavam disponíveis para nos alugarem o espaço que tanto queríamos. Desta vez, já tínhamos provas dadas e já podíamos mostrar que o nosso projecto era viável. A nossa proposta foi bem recebida, foi aberto um concurso público e ganhamos o concurso. Depois de vermos o espaço, reparamos que precisava de muitas obras, executámo-las em dois meses e meio e, no final de Junho de 2016 abrimos portas.

Porque queria tanto este espaço?

CN – Para mim o Jazz é a origem da música. Tudo se pode transformar em Jazz que tem um carisma completamente diferente. Ora o espaço onde estamos também tem o seu carisma; é um edifício centenário e, sendo eu nascida e criada em Ponta Delgada, queria dar o meu contributo, com algo diferente e que dignificasse este estilo de música. Este espaço era o que se adequava às nossas ambições. Aqui conseguimos fazer uma fusão entre o moderno e as características centenárias do edifício.

É um projecto antigo?

CN – Este sonho tem mais de 20 anos. É claro que também tem várias ideias de outros locais por onde já passei, não só da Europa, como também, dos Estados Unidos da América. É um espaço que também tem muito de nós, com muitos pormenores e, estar aqui, acabou por ser por teimosia e por sermos firmes ao nosso sonho. Sabíamos exactamente o que queríamos. De forma alguma este é um conceito rentável, e não foi com esta ideia que levamos avante este projecto, mas sim para criar um projecto com arte e qualidade. Já se passaram dois anos e continuamos a insistir nesta qualidade e é isso que nos faz mantermos firmes ao conceito, porque sabemos muito bem para onde queremos ir.

Depois de abrirem portas, o projecto correspondeu às vossas expectativas?

Sílvia Torres – Nunca corresponde às nossas expectativas. Nunca ultrapassa, mas também não fica aquém. Há uma frase de Norman Cowell que fizemos questão de manter na frente do balcão que diz: "I haven't done my best yet, only my best so far!" (Eu não fiz o meu melhor ainda, só o meu melhor até agora!) e é exactamente esse o nosso "problema": nunca estamos satisfeitas. Quando abrimos a porta pela primeira vez na baixa de Ponta Delgada foi um sonho tornado realidade, mas na semana seguinte já estávamos a pensar o que era que tínhamos que melhorar.

O nosso mote é que o Lava Jazz seja "a sua sala de estar fora de casa", e todos os nossos clientes, os novos e os que já nos acompanham desde os Valados sentem que são da casa e sempre sentiram da nossa parte abertura para colocarem sugestões. Assim, aos poucos vamos sempre implementando novas ideias. Se a Cláudia sonha, eu sonho muito mais rápido, mas ela chama-me à terra! Sempre tivemos essa relação. Deste modo, vamos introduzindo novidades aos poucos e com os pés assentes na terra.

O Lava Jazz é uma mini sala de espectáculos que, por acaso, vende bebida e comida. Eu, como artista, nunca toquei em bares, já toquei em alguns restaurantes,

mas depois deixei de o fazer porque como cantautora é muito complicado estar a dar um concerto e sentir que sou um ruído de fundo. Por este motivo, no Lava Jazz decidimos que o palco para os artistas iria ocupar 1/3 da sala. Damos muita importância a quem está no palco e à arte que está a ser apresentada. Por outro lado, é também uma forma de mostrar ao público que quem está em cima do palco a trabalhar, estudou, praticou, ensaiou e está a dar o seu melhor naquele momento. Para os artistas é sentirem a responsabilidade de terem o público tão perto que, por isso mesmo, têm que dar o seu melhor porque as pessoas estão realmente a ouvir o que estou a fazer. Esta é ainda uma forma de mostrar que os artistas não são todos irresponsáveis, que não estão a tocar em troca de uns copos ou por favor.

Em dois anos actividade, o projecto já sofreu muitas alterações?

ST – A base do projecto continua a mesma! O que estamos a fazer é a acrescentar mais pormenores. Por exemplo, introduzimos as refeições, que chamamos de "taste & chill". Todo o menu é baseado em tapas e acaba por ser um momento de relaxamento e partilha. Abrimos durante a semana às 18h00 e a cozinha só fecha 15 minutos antes da casa fechar.

CN – Outra alteração que fizemos foi o foco no tipo de cliente. Inicialmente estávamos focados apenas no cliente micaelense. Isso funcionou enquanto estivemos nos Valados e no primeiro ano na baixa. Todavia, quisemos mexer no nosso horário de funcionamento para também chegarmos aos turistas. Tendo em conta a nossa localização, não fazia sentido não fazer esta adaptação, até porque éramos abordadas por muitos turistas com pedidos de informação sobre os nossos horários. Assim, decidimos começar a abrir às 18h00 para chegar a esse público-alvo, porque eles começam e acabam cedo.

Importa referir que nunca foi nossa ideia ser concorrência a ninguém. Aliás nem consideramos que somos. Somos, sim, um complemento. Quisemos preencher uma lacuna que existia. Antes não se viam sítios com música ao vivo a partir das 22h30, felizmente que actualmente isto já não acontece em muitos estabelecimentos, e fico contente por poder ter contribuído para este impulso. Outra opção foi fechar cedo, precisamente para dar a oportunidade a quem quiser prolongar a noite poder ir a outros espaços de entretenimento nocturno. O Lava Jazz é o intermédio que veio colmatar uma lacuna existente com o conceito que queríamos.

Os vossos clientes são só amantes de Jazz?

Foto: Vitor Bezerra

CN – Felizmente que não!

ST – De maneira alguma! Para além do Jazz, também temos outros projectos que convidamos que não são propriamente Jazz. Gostamos de ir também por aí para poder apresentar novidades à casa, aos clientes e aos próprios artistas.

Apesar de sermos uma casa de Jazz, raramente entramos no free jazz, isso mais facilmente acontece nas jam session. No nosso repertório do dia-a-dia, os artistas residentes acabam por se direccionar para os clássicos como por exemplo Jazz Bossa Nova ou Swing.

Ou seja, o facto de não gostarem de Jazz não é impedimento para não visitarem o Lava Jazz.

CN - Este ano foi uma casa de arte, com arte para arte. É nisso que estamos focados. Aqui trabalhamos em equipa, todos unidos e não cada um a puxar por si. A única forma de termos sucesso é estarmos todos focados no mesmo objectivo. Os recursos humanos são uma parte muito importante do negócio. Quando o staff não está satisfeito, pode prejudicar a casa. Não tenho capacidade para pagar ordenados milionários, mas sou capaz de dar o melhor ambiente de sempre e com respeito e dignidade por todos os meus colaboradores que actualmente são 8 e todas meninas, mas por nenhum motivo em particular, aconteceu, foi mera coincidência ter uma equipa totalmente feminina... Estou feliz e tenho a casa completamente defendida por estas profissionais fantásticas.

Sentem que o Lava Jazz é uma aposta ganha?

CN – Não tenho dúvidas disso! É preciso ser persistente. Todas as vezes que entro no bar, apaixono-me sempre pelo espaço e, se isso acontece, só pode significar que é uma aposta ganha. Eu considero o Lava Jazz uma escola para os músicos, para o staff e para o cliente. Para os músicos porque conseguimos provar que temos músicos muito bons, com responsabilidade, sem álcool no palco, sem fumo e sem drogas; para o público que consegue perceber que aqui não é transparente e que os funcionários estão atentos às suas necessidades e que tem que fazer silêncio durante as actuações dos artistas, assim mostra respeito pelos músicos. Ao longo destes anos de actividade apenas 4 pessoas foram embora quando pedimos silêncio, para mim isso é um sucesso porque significa que apenas 4 pessoas entraram no lugar errado. Atenção que quando falo em silêncio não é o que se exige quando se ouve fado, é apenas falar mais baixo...

ST - ... de forma que a mesa do lado não consiga ouvir aquilo que o cliente está a dizer. Temos uma frase que está à porta que diz: "durante a música, o único ruido permitido é o dos nossos sentimentos".

CN – Para o staff é uma escola na medida em que ensina que o trabalho que aqui fazemos é personalizado e focado no cliente.

O Lava Jazz é um bar diferente, onde não temos só música, também temos poesia, exposição de pintura, projectos convidados sem serem do ramo do Jazz. Já passaram por aqui projectos de blues, fado, música regional, viola da terra. Somos um palco para todo o tipo de arte com qualidade.

Há novos projectos para o futuro?

ST – Não podemos revelar todas as ideias, mas podemos garantir que há projectos para o futuro, sempre através da Atalhos de Lava, que é a empresa mãe de todas as nossas loucuras.

Vêm aí novidades, ainda vão demorar um pouco, mas vão chegar.

CN – Todos os projectos que temos em carteira têm sempre por base o respeito pelo ambiente e a qualidade, envolvendo sempre sensações e sentimentos, é isso que queremos dar tanto na música, como na comida ou na bebida. Vão ser sempre projectos muito sensitivos.

Sentem-se realizadas?

ST – Claro que sim! Esta casa é um sonho realizado, com muita luta, muita dor de cabeça, muita batalha e muita chatice, mas tudo valeu a pena. Não trocava por nada! Outro motivo que me faz continuar todos os dias é também pela equipa fantástica que temos.

CN – Eu faria tudo de novo! Sem dúvida que estou mega orgulhosa do conceito Lava Jazz, da equipa e de ter feito com que as pessoas partilhassem este sonho. Sinto que é um sonho louco, mas é uma loucura saudável. Não tive problemas em apresentar um conceito novo e perceber que funciona e que as pessoas até apreciam. Faz-me muito feliz e não vou abrir mão deste projecto. Estou, sem dúvida, com uma sensação de realização!

oliveriasantos@diariodosacores.pt

Foto: Vitor Bezerra

Foto: Vitor Bezerra